

de um processo de libertação e de desenvolvimento justo e equilibrado de nossos povos, tal como o sonhado pelos libertadores: a "Pátria Grande" dos latino-americanos e caribenhos. Noutra, simplesmente a eliminação das fronteiras econômicas entre os países associados, para tornar mais dinâmica e mais lucrativa a exploração dos mesmos pelas empresas transnacionais que dominam nossas indústrias e setores de exportação. Um processo de **integração solidária**, que trate de corrigir de forma gradativa os desníveis econômicos entre os países-membros, ou uma **integração que acelere o processo de dominação**, de anexação dos países mais débeis pelos mais poderosos - eis as alternativas" (12).

NOTAS

(1) SCHILLING, P., "Mercosul: Integração ou Dominação?", CEDI, São Paulo, 1992, p.79

(2) BELATO, D., "Os tratados de Assunção, o Acordo de La Rosaleda e a Iniciativa para as Américas", Universidade de Ijuí, p.6-7 (mimeo)

(3) ALMEIDA, P. (org.), "Acordo MERCOSUL-EUA sobre Comércio e Investimentos", in "Mercosul: Textos Básicos", Curitiba, 1992, p.123

(4) Id., *ibid.*, p.128

(5) COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, "O Mercosul e os Trabalhadores", in "Cheiro de Terra", Boletim da CPT/SC, n.83, janeiro/fevereiro 1993, p. 8-9

(6) SANTOS, C., "O Mercosul em debate: conseqüências e perspectivas para a ação pastoral", Conselho Latino-Americano de Igrejas, Porto Alegre, 1992, p. 4 (mimeo)

(7) DIOCESE DE CHAPECÓ, "MERCOSUL", in "Terra para plantar e Casa para morar", Roteiro dos Grupos de Reflexão, junho-agosto, 1993, 4º encontro

(8) CNBB, "Exigências Éticas da ordem democrática" (Documentos da CNBB, n.42), Ed. Paulinas, SP, 1989, p.22

(9) Id., *ibid.*, p.23

(10) SUNG, J.M., "Crise das ideologias: Utopias secularizadas X Reino", in DEBATE (Suplemento do Jornal "Contexto Pastoral"), n. 15, julho/agosto 1993, p.15

(11) CONFERÊNCIA DOS LEIGOS DO BLOCO SUL, "Mensagem dos cristãos católicos do Bloco Sul" in "Vida Pastoral", Ed. Paulinas, SP, setembro/outubro 1992, p.50

(12) SCHILLING, P., art. cit., p. 199

Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Tubarão
caixa postal 5073
88040-970 FLORIANOPOLIS, SC

A FORMAÇÃO DE UMA IGREJA: O OESTE CATARINENSE 1800 - 1940

Pe. José Artulino Besen
Professor de História da Igreja

INTRODUÇÃO

As páginas que seguem são o embrião do capítulo sobre a Igreja no Oeste catarinense, de uma futura *História da Igreja em Santa Catarina*. Nosso desejo é que sejam criticadas, corrigidas e aumentadas por algum leitor caridoso que tiver a paciência de lê-las.

Quando se descobre que Chapecó teve seu primeiro Pároco residente em 1940, é difícil de se escapar da admiração: tudo tão novo, tudo tão maduro!

**É uma homenagem a Dom
WILSON LAUS SCHMIDT que
desejou entrar na paz do Senhor
com o título de Bispo Emérito de
Chapecó**

Pela sua juventude, a atual diocese de Chapecó (com parte desmembrada para a Diocese de Joaçaba em 1975) teve a vantagem de ter sido erigida em 1958, quatro anos antes do Concílio do Vaticano II, e dez anos antes da Conferência episcopal de Medellín. É uma Igreja que ainda goza do influxo saudável do heroísmo e da generosidade dos desbravadores, das populações sociologicamente novas. Não carrega o peso das tradições, e não passou pela experiência colonial e imperial das Irmandades que levavam adiante a vida das comunidades eclesiais litorâneas. Suas irmandades nasceram sob o ideal das Comunidades Eclesiais de

Base, que depois deram origem a consistentes e militantes Movimentos populares.

Este artigo é uma homenagem a Dom WILSON LAUS SCHMIDT (1916-1982), ilhéu da Rua dos Ilhéus, seu segundo Bispo Diocesano, no 25º aniversário de sua renúncia à Sé chapecoense por motivos de saúde (21 de janeiro de 1968), que desejou entrar na paz do Senhor com o título de Bispo Emérito de Chapecó, e que descansa silenciosamente nesta Ilha onde nasceu.

OS CAMPOS DE PALMAS

O Morgado de Mateus, Governador da Capitania de São Paulo, em 1765 mandou que se explorasse o sul da Capitania. Em 1770 chegaram os exploradores aos Campos de Guarapuava. Portugueses e paulistas, interessados na lucrativa atividade pecuária, insistiram em ocupar esses campos, terra dos índios Kaingang, que resistiram. Em 1808, apoiados por uma Carta régia de Dom João VI, os portugueses conseguiram dominar os índios e iniciar a formação de fazendas na região.

A exploração continuou e, em 1809, chegou-se aos Campos de Palmas. Partindo de Guarapuava, e com o desejo de alcançar as Missões portuguesas do Rio Grande de São Pedro, em 1814 uma nova expedição passou pelas extremidades dos Campos de Palmas, chegando a Vacaria.

A notícia da descoberta dos "campos" além de Guarapuava entusiasmou seus moradores. Com igual entusiasmo, o Pe. Ponciano José Alves de Araújo, vigário de Palmeira, organizou uma bandeira com o Coronel José Joaquim de Almeida, para descobrir e

explorar os campos à direita do rio Iguazu. Como padre bandeirante, a 26 de fevereiro de 1832 recebeu de Dom Manuel de Almeida, Bispo de São Paulo, o privilégio do "altar portátil", para celebrar durante a campanha. Em 1836, com uma canoa, empreendeu uma exploração pelo rio Iguazu abaixo ⁽¹⁾.

Com sua bandeira, o Pe. Ponciano evitou um confronto armado entre duas outras bandeiras, na mesma região. Os campos de Palmas, nativos, próprios para atividade pastoril, aguçaram a cobiça dos fazendeiros e estancieiros, que penetraram sempre mais ao sul, chegando ao Oeste catarinense.

Este caminho, teve a cooperação dos índios Kaingang, comandados pelo índio Vitorino Condá

Com estas penetrações foram ocupados os campos de Lages, Curitiba, Campos Novos, Campo Erê, gerando na região uma estrutura social de cunho patriarcal, onde o "coronel" era a lei, sua vontade o uso e o abuso. Os peões caboclos não tinham possibilidade de ascensão social, dependendo do favor de um emprego na fazenda; faltando este, seu caminho foi sempre emigrar, para terras sempre mais difíceis. Em 1850 contavam-se 5 fazendas de criação em Campo Erê.

Em 1844, o Governo da Província de São Paulo determinou a abertura de um caminho que ligasse São Paulo ao Rio Grande do Sul, por onde passaria o movimento de tropas de gado. Este caminho, cuja abertura teve a cooperação dos índios Kaingang, comandados pelo índio Vitorino Condá, passou pelos rios Chapecó, Chapecozinho, Campina de Xanxerê, Passo do Carneiro (Passo Bormann), Goio-En, Nonoai e Cruz Alta. Na sua abertura, os brasileiros tomaram conhecimento dos ervais existentes nessa região, conhecidos e explorados pelos argentinos de Corrientes.

Posteriormente, houve a abertura de um caminho em direção ao oeste, até a província de Corrientes, buscando garantir a penetração brasileira nessa região disputada pela Argentina. A erva-mate foi a principal atividade econômica da região até 1916, quando os argentinos atingiram a auto-suficiência e abandonaram o comércio com o lado brasileiro.

Através da criação extensiva de gado, do transporte desse gado pelo caminho de tropas, e da exploração dos ervais, intensificou-se a ocupação do extremo-oeste catarinense. Para os impostos, estabeleceu-se em Chapecó uma Agência cobradora.

A fim de garantir a posse desses territórios, alguns reivindicados pela Argentina, em 1859 criou-se a Colônia Militar de Chapecó, implantada efetivamente em 1880 com a nomeação do Capitão José Bernardino Bormann. Bormann estabeleceu a sede da Colônia às margens do rio Xanxerê, ao lado do caminho de tropas, e ali permaneceu até 1896.

A colônia militar distribuiu 255 títulos de terras. Seu sucesso deveu-se principalmente à extração e comércio da erva-mate, única fonte de dinheiro na região.

Teve admirável organização. Em 1884 sua igreja, dedicada a São João Batista, estava quase pronta. Ali funcionaram duas escolas (uma diurna, com 44 crianças matriculadas, e outra noturna, com 36 praças e civis), Banda de Música, com 17 músicos, e até um jornal, o "Xanxerê", a princípio manuscrito, e depois impresso na própria Colônia. Em 1891 contava 688 habitantes e, em 1893, 11 edifícios públicos e 124 casas de colonos.

A Colônia realizou trabalho de integração com os índios Kaingang e os peões perdidos nas fazendas. Foi importante centro econômico: toda a erva-mate exportada de Palmas era ali manufaturada, e depois transacionada com as Repúblicas platinas.

Também contribuiu para a integração nacional. Quando, neste século, chegaram as novas frentes pioneiras, ali encontraram um centro organizado.

Foi desativada pelo ano de 1910, e as terras tituladas ou passaram para os madeireiros, ou foram abandonadas pelos caboclos, que não tinham mais condições de sobreviver, por falta de uma atividade econômica que lhes trouxesse dinheiro.

Esse território esteve no centro de disputas fronteiriças. Era reivindicado pela Argentina, interessada em seus ervais e madeiras. O cacique Kaingang Vitorino Condá (+1906) foi um dos responsáveis pela sua integração ao território brasileiro: possibilitou o contacto dos brancos com os indígenas, gerando assim uma presença brasileira na região. Em 1893, o Barão do Rio Branco, nomeado para promover a defesa na questão dos limites com a Argentina, invocou o princípio do "*uti possidétis*" (é dono de uma área aquele que a esteja ocupando), graças a essa presença brasileira na região. Com isso, sensibilizou o Presidente dos Estados Unidos, Cleveland, árbitro na questão, que em 1895 reconheceu a posse brasileira dos 30.621 km² disputados pela Argentina.

Seguiu-se a disputa com o Paraná, que reivindicava toda a área ao sul de Palmas

Seguiu-se a disputa com o Paraná, que reivindicava toda a área ao sul de Palmas. O Acordo de Limites de 1916, em seguida à Guerra do Contestado, deu ganho de causa a Santa Catarina. Assim, Chapecó, Campo Erê, Xanxerê e Chapecozinho, que eram distritos de Palmas, passaram para a jurisdição catarinense. Para esta imensa área, criou-se o município de Cruzeiro (depois, Joaçaba, "*cruzeiro*" na língua indígena) em 1917, e o de Chapecó, em 1919. Todos os atuais municípios do Oeste catarinense estavam incluídos em sua área ⁽²⁾.

Para garantir a posse desse território, o Governo catarinense promoveu um grande número de concessões a pessoas e empresas que se dispusessem a pôr em prática a colonização. A madeira representava uma fonte de riqueza muito grande e, quando já tinha sido explorada, os colonizadores lotearam as terras entre si. Em cada povoado que se formava, a serraria era o centro ao redor do qual se aglomeravam caboclos e colonos pobres, todos empregados na serraria.

A partir das Empresas Colonizadoras formadas depois de 1915, a região teve um incremento demográfico crescente com colonos vindos do Rio Grande do Sul, de origem alemã e italiana, católicos e protestantes, alterando radicalmente seu perfil humano.

Toda a região passou a ser ocupada por pequenas comunidades de agricultores que procuraram escriturar e registrar suas terras. Como os caboclos não se preocupassem com isso, foram sendo cada vez mais empurrados para o interior, em busca de terras ainda não tituladas.

O colono se empenhava em produzir excedentes para a comercialização, pois queria enriquecer. Vai surgindo um pequeno comércio e frigoríficos para o abate de suínos. À medida que aumentava a produção agrícola, multiplicaram-se os centros comerciais e os frigoríficos. O controle político passou a ser dividido entre os madeireiros e os comerciantes e pequenos industriais.

A partir da década de 50 houve muitas emancipações políticas e acentuada urbanização, principalmente em Chapecó, Xanxerê, Concórdia, São Miguel do Oeste e Joaçaba.

Com a diminuição da madeira, os capitais acumulados passam a ser investidos na atividade agro-industrial, que tomou

impulso decisivo a partir da década de 60, e assumiu a configuração que possui atualmente, com o processo de produção integrada⁽³⁾.

A partir da década de 50 houve muitas emancipações políticas e acentuada urbanização

Após um período de farto crédito rural, obra do Governo militar de 1964, de que os colonos se serviram abundantemente, surgiu a grande crise no Oeste, que tem como conseqüência o êxodo rural. Dependendo sempre mais de empréstimos bancários para a aquisição de insumos e equipamentos, a fim de poder produzir competitivamente, os colonos pouco a pouco se tornam incapazes, ou de saldar seus empréstimos, ou, na falta de crédito bancário, de produzir em escala competitiva. Assim o pequeno colono vai abandonando suas terras, o minifúndio se transforma em latifúndio, intensifica-se o êxodo rural e ao redor das cidades aumenta o número de favelas.

ATENDIMENTO RELIGIOSO

O primeiro atendimento religioso na região, de 1838 a 1843, foi dado pelo Pe. Ponciano José Alves de Araújo. A Igreja do Oeste catarinense por muitos anos dependeu da de Palmas, cuja Capela-curada foi instituída em 1843, sob os cuidados do Pe. José Antônio de Camargo e Araújo, que ali permaneceu até 1849. A Paróquia do Senhor Bom Jesus da Coluna, de Palmas, foi criada em 1853, sendo seu primeiro vigário residente o Pe. Francisco Xavier Pimenta (1856-1963).

Em 1933 criou-se a Prelazia de Palmas, com território no qual se incluía o Oeste catarinense

Mas foi um italiano, o Pe. Achille Saporiti, quem mais tempo permaneceu nesse campo de trabalho, de 1876 a 1903, quando chegaram os Franciscanos. Pe. Saporiti dedicava-se muito ao comércio da madeira, recebendo sérias reprimendas de Dom José de Camargo Barros, 1º Bispo de Curitiba. Sua atividade econômica e preocupações familiares o deixaram bastante desligado de um atendimento religioso mais condizente com as necessidades. Em 1903, a pedido do Bispo de Curitiba, renuncia ao cargo de Vigário, passando a morar com a mulher e os filhos, e dedicando-se ao comércio da madeira e da erva-mate. Teria falecido em Lebon Régis. Foram os Franciscanos de Palmas os missionários propriamente ditos de toda a região.

Do ponto de vista da organização eclesiástica, o Oeste catarinense dependeu do Bispado de São Paulo até 1892, quando foi criada a Diocese de Curitiba, abrangendo os territórios do Paraná e Santa Catarina.

Pertenceu à diocese de Florianópolis de 1908 a 1927, e à diocese de Lages de 1927 a 1933, mas sempre com o atendimento pastoral da paróquia de Palmas. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, ali esteve em Visita Pastoral, primeira e única, em 1919.

Em 1933 criou-se a Prelazia de Palmas, com território no qual se incluía o Oeste catarinense. Foi em 1958, com a criação da Diocese de Chapecó, que a região passou a integrar a Província Eclesiástica de Santa Catarina. Este fato, somado ao da imigração gaúcha, dão à Igreja do Oeste uma característica muito própria no território catarinense.

COLONIZADORES PARA UMA TERRA OCUPADA

A "Brazil Development & Colonization Co." recebeu, como pagamento da construção da Estrada de Ferro São Paulo—Rio Grande, imensas áreas nas regiões do Rio Engano, Rancho Grande, Peperi-Guaçu, Chapecó, Capetinga e Rio Saudade, num total de 5.765 quilômetros quadrados, áreas estas situadas nas grandes fazendas pastoris formadas a partir da descoberta dos campos de Palmas e Guarapuava. Comprometeu-se com o Governo a demarcar lotes de 25 a 30 hectares, quando próprios para a agricultura, e de 100 a 1000 hectares quando mais apropriados à atividade extrativa e pastoril.

A "Brazil Development", por sua vez, atribuiu a colonização e povoamento dessas áreas a outras empresas colonizadoras.

A partir do trabalho de medição das terras e da propaganda para atrair colonos, surgiram, entre as duas Guerras mundiais, Porto Novo (Itapiranga), São Miguel, Bom Retiro, sobre o rio do Peixe, e Rio Bonito, Piratuba, Concórdia, Chapecó e Porto Feliz (Mondai).

A grande maioria desses colonos veio do Rio Grande do Sul. Segundo Jean ROCHE⁽⁴⁾, após a Primeira Guerra (1914-1918), as velhas colônias riograndenses aproximavam-se da saturação, e teve início a emigração para Santa Catarina e Paraná. Com alta taxa de fecundidade, os filhos eram obrigados a emigrar, pois os lotes bastavam para apenas duas famílias, após divididos.

Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes tiveram de se tornar agricultores e desbravadores de matas; seus filhos, depois, prosseguem a saga: continuaram agricultores e desbravadores de matas em outras regiões do Brasil.

Os ítalo-brasileiros — excetuados principalmente os colonos alemães de Mondai e Itapiranga — constituíram a maioria desses novos povoadores que se aventuraram por áreas onde já habitavam indígenas e outros posseiros, a muito custo evitando-se maiores conflitos. Os indígenas e caboclos, tratados como não-gente, moradores em terras oficialmente sem moradores, continuaram sua história de pobreza e dependência. E a continuam, até os dias de hoje.

Os padres Jesuítas fundaram a "Sociedade popular para os católicos alemães"

PORTO NOVO: TERRA PARA CATÓLICOS ALEMÃES

Em 1912, dadas as condições sociais da utilização econômica do solo e da explosão demográfica nas velhas colônias alemãs no Rio Grande do Sul, os padres Jesuítas fundaram a "Sociedade popular para os católicos alemães" (*Volksverein für deutschen Katholiken*), cuja finalidade principal era encontrar novas áreas onde situar agricultores necessitados de terras, dando origem a colônias com habitantes católicos e alemães.

Sua organização foi entregue aos padres Theodor Amstadt, Maximiliano de Lassberg e João Rick, todos da Companhia de Jesus. Inicialmente fundaram Cerro Largo, no Rio Grande. Sua primeira penetração no território catarinense foi frustrada devido à primeira Guerra mundial.

Em 1925 a Empresa colonizadora Peperi-Guaçu cedeu à "Volksverein" as terras situadas entre os rios Uruguai, Peperi e arroio Macucos. Após a medição da área construiu-se a hospedaria e a casa da Direção. A Sociedade arregimentou colonos de todo o Rio Grande, especialmente no vale do rio Caí e, excepcionalmente, no vale catarinense do Braço do Norte.

Conduzidos pelo Pe. Lassberg, a 10 de abril de 1926 chegaram os primeiros colonos à área que denominaram Porto Novo (Itapiranga a partir de 1929). No dia seguinte celebrou-se

a primeira Missa. No ano seguinte já era Paróquia, com Pároco residente.

A colônia foi bem planejada: construíram-se escolas e igrejas por toda a zona rural. Os primeiros colonos passaram a viver de seus produtos agrícolas e do comércio da madeira. A língua alemã era praticamente a oficial, falada por todos na sede, e por mais de 70% no interior ⁽⁵⁾.

Porto Novo, a par de sua peculiaridade étnica e religiosa num país leigo e brasileiro, representou a ocupação estável dos últimos limites de Santa Catarina no Oeste.

Para atendimento espiritual, inicialmente pensou-se em confiá-la aos Franciscanos de Palmas. Depois surge a idéia de pedir auxílio aos Palotinos do Rio Grande do Sul, sediados na Argentina. Vence a sugestão de entregá-la aos Missionários da Sagrada Família: em 1927, com a criação do Curato, este é entregue ao Pe. Ofenhitzer MSF. Mais tarde, os Jesuítas a assumem definitivamente ⁽⁶⁾.

ORGANIZA-SE O ATENDIMENTO PASTORAL

Antes da transferência das jurisdições do Bispo de Curitiba para o de Florianópolis a 1º de outubro de 1917, como resultado do Acordo de Limites que pusera fim à Guerra do Contestado, a área do Oeste estava sob a jurisdição do primeiro. Este a confiara, na parte Oeste, aos Franciscanos de Palmas e, na parte do rio do Peixe, aos Franciscanos de Lages.

Era gesto de heroísmo o trabalho dos Franciscanos de Palmas

À Paróquia de Palmas cabia visitar toda a área do "Grande Chapecó". Palmas era uma enorme Paróquia, praticamente abrangendo toda a região que vai da cidade com este nome até a Foz do Iguaçu, descendo até o Rio Grande.

Em 1940 o município de Chapecó constava de 14.900 km². E não era nem a quarta parte da Paróquia de Palmas! Praticamente esta abrangia um território correspondente às áreas da Bélgica e Holanda somadas!

Era gesto de heroísmo o trabalho dos Franciscanos de Palmas: três ou quatro sacerdotes para procurar – literalmente, *procurar* – o povo naqueles inóspitos sertões. Frei Jacó HOFER diz que, "se multiplicarmos as dificuldades imaginadas por 10, teríamos apenas uma idéia..." ⁽⁷⁾. Vão a alguns lugares duas vezes ao ano, avisando a visita com 6 meses de antecedência. Os padres estão sempre de viagem. Às vezes as mulas morriam, desfalecidas pelo cansaço. As capelas eram ranchos pobres, sem janelas nem assoalho, de táboas rachadas. Apenas as de Caxambu e de Xanxerê eram forradas.

O povo morava em ranchos, freqüentemente faltando colheres, pratos e garfos. Comiam feijão e milho. Dom João Braga, Bispo de Curitiba, chegou a passar fome, pois o apresentado à mesa episcopal deixava a desejar no tocante à higiene.

O Prelado de Palmas, Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello, de ascendência aristocrática, passou por grandes privações. Dormia em casas sem janelas nem portas. Para trocar de roupa, os Frades lhe faziam o papel de porta e janela, para que ficasse livre da natural curiosidade do caboclo, que gostava de tudo acompanhar. Num dia, o ilustre Prelado, criado nos palácios de Petrópolis, quase a morrer pelo calor e sujeira, resolveu banhar-se condizentemente num riacho. Mas, estava sob a assistência do povo! Lavando o que seria permitido num palco de tal magnitude, conta Frei Evaldo BAMBERG, não chegou a 1/3 da área total... ⁽⁸⁾.

Os novos colonos, apenas chegados, queriam sua capela, cujo orago normalmente era o mesmo da localidade gaúcha de

onde provinham. Nesse momento da escolha do orago surgiam disputas, pois, a dar-se razão a eles, a maioria das capelas teria o mesmo padroeiro. E como queriam padre no dia da festa, seria impossível combinar um calendário com tantas festas, em locais diferentes, para o mesmo Santo. Nesse momento necessitava-se da diplomacia do padre franciscano, que normalmente sugeria outro Santo, para evitar confusões posteriores.

A fé e a tradição gaúcha fortaleceram os colonos nos seus primeiros anos, sozinhos nas florestas onde plantavam suas pequenas comunidades.

REMINISCÊNCIAS DE UM FRANCISCANO NAS DÉCADAS DE 30 A 40

Frei Evaldo BAMBERG OFM, primeiro pároco residente em Chapecó, narra, numa Crônica despretensiosa, mas significativa, a dedicação sem medida dos Frades franciscanos, quando atendiam às comunidades do Grande Chapecó, comunidades que iam nascendo a cada visita, com a chegada de novas levas de colonos ⁽⁹⁾. Pipocavam as capelas, no futuro paróquias vivas e participativas.

De origem alemã, Frei Evaldo escreve com certa dificuldade, razão pela qual optamos por fazer uma síntese de suas páginas, escritas a pedido de Dom Agostinho Sartori OFM Cap, Bispo de Palmas. Mantivemos a denominação original das comunidades visitadas nas desobrigas.

São páginas de grande valor histórico, pois trazem notícias sobre o nascimento e peculiaridades de diversas comunidades do Oeste.

Basicamente, Frei Evaldo descreve o roteiro de uma visita paroquial, que vai sendo acrescentado, a cada viagem, por novas comunidades. Os fatos narrados parecem distantes, quando confrontados com a vida eclesial da Diocese de Chapecó hoje, mas estão distantes de nós apenas 6 décadas! Segue a síntese do texto:

Sob a inspiração de Frei Evaldo, os colonos resolveram encetar a "guerra santa"

Águas de Chapecó – Alguns viajantes que acamparam às margens do rio Chapecó, viram que à tarde centenas de aves e animais buscavam um mesmo lugar. Perceberam que se dirigiam a uma fonte especial de águas, que mais tarde Dom Carlos E. Bandeira de Mello, Prelado de Palmas, denominaria Água Santa. As fontes atraíram turistas e o povo, e as famílias de Rolim Ribeiro e Leopoldo Sander construíram um Hotel. Para os ricos, havia no rio Iraí as "Águas de Mel"; para o povo em geral, as "Águas de Prata" na Volta Redonda; a classe média freqüentava as "Águas de Chapecó". O movimento era grande nos meses de novembro a abril, com banhistas vindos principalmente de Erechim e Passo Fundo.

Nessas fontes misturavam-se alemães, italianos e brasileiros, sem confusão. Para todos os turistas, 6 banheiras e 2 chuveiros com água farta e quente. Perto do Hotel moravam umas 4 famílias; uma barca levava a São Carlos, onde se tinham estabelecido 10 famílias de origem italiana. Ali Frei Evaldo Bamberg fez construir uma capela para Missas e Rezas.

No povoado "Dom José" – topônimo originado de um paraguaio com esse nome – viviam umas 10 famílias itálicas e brasileiras. Formaram uma sociedade e construíram uma capela sob o patrocínio de São José. A festa era celebrada a 23 de janeiro, dia dos Desponsais de São José com Nossa Senhora. Ali a comunidade foi capaz de um gesto muito digno: um lavrador adoeceu de um mal prolongado, e estava-se no início das plan-

tações. O povo se organizou e, cada um dando alguns dias de serviço, garantiu-se colheita farta para a família do doente.

Um arroio de margens altas recebeu o nome de *Rio Bonito*. As Missas eram em casa particular, mas os moradores, mais ou menos numerosos, preferiam dirigir-se a Caxambu. Ali, na década de 30, houve uma verdadeira guerra religiosa. Certo Pastor protestante, vindo de Curitiba, andava por aquelas regiões atrás de prosélitos. Como o atendimento católico era esporádico, conseguiu um bom rebanho. Mas, cobrava taxas bem salgadas e prejudicava a união da comunidade. Sob a inspiração de Frei Evaldo, os colonos resolveram encetar a "guerra santa". Num dia de inverno, muito frio, pediram que o Pastor viesse batizar nas águas, que havia muitos querendo o Batismo. Chegou entusiasmado, sem saber o que preparavam. Quando ele se colocou nas geladas águas do arroio, deram-lhe o ultimato: ou devolvia o dinheiro já arrecadado e jurava nunca mais retornar, ou ficaria congelando... Após algumas horas, não lhe restou outra alternativa senão ceder em tudo! E nunca mais voltou. E todos retornaram à Igreja católica!

Os dois tipos de Catolicismo: o caboclo, de tradição, e o gaúcho, de convicção

Famílias gaúchas estabeleceram-se na *Volta Grande*, curva do rio Uruguai. Quando o padre chegava, recepção festiva, seguida de farto jantar e campeonato de "trisetete", "quadrilho" e "mora".

Caxambu do Sul não tinha muita tradição religiosa. A capela de São Jerônimo ficava numa subida, rumo ao rio Uruguai. Povo alegre, com inclinação para o canto religioso. Chegavam sempre muito antes da hora. Nos enterros cantavam, em latim, o Ofício dos Defuntos. Em contrapartida, muita tendência à blasfêmia e ao abuso de bebidas. E a maioria da população não participava dos ofícios religiosos. Frei Niceto Werner criou até um adágio: "*Em Caxambu, grande angu*"...

Uma capela regular, dedicada a São Miguel, em *Catambu* (nome de uma árvore boa para cabo de enxada e fabricação de palitos). Pequeno centro, pois as famílias moravam longe, espalhadas pelas áreas férteis. Muita desunião entre os moradores. Poucas vezes se enchia a capela. Grassava o indiferentismo religioso.

No *Porto da Chalana*, capela para Nossa Senhora dos Navegantes. Pequeno aglomerado, vivendo do comércio da madeira. Ali o presidente da igreja, líder nato e dedicado, tinha tendência ao álcool. Sob os conselhos do padre, encontrou-se a solução: a mulher ficou com a chave do armário da bebida, e lhe dava apenas três doses diárias, sempre na presença dela! Solução eficiente, depois muito comentada pelos colonos!

Subindo pelas encostas do rio Uruguai, chegava-se a um povoado recém-formado por colonos italianos do Rio Grande do Sul. A maioria era de posses e não levava em consideração os caboclos que viviam nas choupanas ribeirinhas. Esta curva do rio, chamada de *Curva do Uruguai*, também era conhecida como "*Gaúchos*". Missas em casas particulares. "*Os moradores antigos, pouco a pouco, deixaram-se levar pela religião dos gaúchos, com prática rigorosa, quando antes tinham religião por costume*", diz Frei Evaldo, informando sobre os dois tipos de Catolicismo: o caboclo, de tradição, e o gaúcho, de convicção, segundo ele.

Em *Goio-En* não havia estrutura religiosa. Para as Missas, acorriam mais as famílias de longe. Eram umas 30, espalhadas às margens do rio, vivendo de caça e pesca, não se dedicando à agricultura, apesar das terras boas para o plantio. Pela festa de São Miguel, as enchentes do Uruguai faziam o porto funcionar. Centenas de trabalhadores vinham do interior para a amarração

das centenas de dúzias de táboas às margens do rio. Outras centenas de toras de madeira eram ligadas por cordas e, como balsas, lançadas ao rio. Daí deslizavam para enriquecer a Argentina e empobrecer o Brasil. Quanto mais se vendia a madeira, menores eram os preços. Quando os madeireiros conseguiram se organizar numa espécie de sindicato, a madeira já estava se esgotando.

Serrinha era um lugar de gente avara. Para não precisar gastar com a construção de uma capela, preferiam dirigir-se a Goio-En e Passo Bormann. Mesmo assim, queriam que o padre viesse para celebrações em residências.

Em *Passo Bormann*, igreja espaçosa, mas em lugar de difícil acesso. Frei Evaldo acha que fora construída sob a inspiração bíblica ou do "*Glória a Deus nas alturas*" ou de que "*Deus mora no alto de Sião*"... Subida que levava de 20 a 30 minutos. Mas a capela não estava bem conservada: "*Mulher idosa e igreja velha não aceitam tintas*". O lógico era a construção em local de melhor acesso. Ocorreram brigas: tradição, costume, lembrança, impediam nova localização. Quando uma senhora idosa escorregou morro abaixo e quase morreu, prevaleceu o bom senso. Ganhou-se a madeira, fez-se mutirão e pouco depois surgia uma capela melhor, no meio do povoado. A professora, que dirigia uma ótima escola, era muito religiosa, hospedava o padre, dava catequese, ensaiava os cantos e, maravilha!, tinha rádio. Passo Bormann era habitada, no centro, por 20 famílias, e mais outras 40 nas roças.

Saindo dali, mais dois pequenos povoados, com visitas religiosas ocasionais.

Em 1939, pela primeira vez um padre esteve na *Embocadura do Irani*. Índios e caboclos espiavam, atrás das moitas, a chegada do Frade montado numa mula. Logo depois começou, ali, a reza do Terço e o Culto, que muito contribuíram para a união de todos. Mesmo famílias do Rio Grande vinham participar. As missas eram na casa de Albino Schmitz.

Os Frades nada conseguiam com o dono da capela, avesso a qualquer mudança

Alemães e seus descendentes formaram uma comunidade em *Sede Trentin*, onde se iniciou proveitosa assistência religiosa.

Em *Castelhanos* foi feito, inicialmente, o trabalho de legitimar os casamentos. Todos se reuniam, em profundo silêncio, numa pequena sala. Depois passaram a realizar o Culto a cada domingo.

Logo após Castelhanos o padre se dirigia a *Fortuna*. Povo muito caprichoso, com hortas, jardins, poteiros e roças exemplares. Como não havia escola, dava-se a primeira instrução em casa mesmo, a fim de que se pudesse mais tarde frequentar o colégio de São Carlos.

A capela de *Antônio Quadros* era totalmente peculiar. Nela cabiam umas 50 pessoas. Os Frades nada conseguiam com o dono da capela, avesso a qualquer mudança, passando a chamá-lo de "Antônio Quadrado". Então mudou-se a Missa para casas particulares. Comunidade com umas 25 famílias.

Devido às terras férteis, colonos gaúchos vieram para *Bonifácio*. Ali residiam caboclos e índios, com agricultura de subsistência, não se interessando em legalizar as terras ou construir cercas. Pelos anos de 1937-1938, chegaram máquinas para a abertura de novas estradas. Para ocupar as terras, vieram colonos do Rio Grande do Sul, com os títulos das terras que iriam ocupar. Amedrontados, os pobres moradores não viram outra saída senão colocar seus pertences no lombo de um burro ou cavalo, levando as crianças em buacas. Foram-se ao Deus-dará, ou para Mato

Grosso ou Paraná. Outros procuraram o Paraguai e a Argentina. Apesar dos conselhos do padre ou até do juiz, não aceitaram entrar na Justiça requerendo uso-capião, pois sabiam que sua coragem os levaria à morte. O mais forte venceria. Cenas tristes da colonização nos idos de 1937-1942. Com a debandada dos índios e caboclos, mais terras iam sobrando e mais colonos gaúchos chegavam.

Os Frades “descobriram” *Burro Branco* em 1940, no chamado para uma doente “possessa”. Gostaram tanto do lugar que escolheram para padroeiro a São Bernardino, e benzeram uma sala que serviria de capela. Logo procuraram legitimar os casamentos, confessar o povo e distribuir a Comunhão. Mas, e a doente? Deu um susto em Frei Liberato. Após a oração do Terço Franciscano e do Ritual, apelando para a santa obediência, o Frade exigiu que o demônio sáisse da moça. Ao jogar-lhe água benta, ela gritou, para escândalo geral: “*Mijo de aranha não me atinge!*”... Com umas preces mais fortes, tudo foi resolvido.

Perto desta capela havia outra, dedicada a “São João Maria”

No *Bepe* chegaram três ou quatro famílias gaúchas. Seguindo a tradição que lhes fora ensinada no Rio Grande, logo se apresentaram ao padre, pedindo assistência. Com gente chegada de quase 20 quilômetros de distância, foi celebrada a Missa e, com as famílias da redondeza mais os caboclos, ministraram-se 36 batizados. A Missa, na qual se celebrava a Primeira Eucaristia de diversas crianças, foi num paiol de milho. Na hora da Comunhão, o assoalho afundou, causando início de pânico. Durante a Missa, uma criança se divertia bombardeando os assistentes com milho. Os batizados eram meio tumultuados, pois os pais tinham certas idéias fixas, que depois espantavam as crianças: “*Criança que não chora durante o batizado, não se cria*”; “*As meninas que não se comportarem, serão amarradas no cordão do Frade e levadas embora*”; “*Menino que não se comportar, o padre capa*”... Com tal ameaça, os meninos chegavam aos berros, apavorados!

Santa Catarina e Santo Antônio eram padroeiros de *Emílio Zandavalli*. Povoado formado ao redor de uma serraria de madeira, com muita união social, moral e religiosa. Bom salário e gratificações para os operários. Emílio Zandavalli era serrador e não desmatador, diz Frei Evaldo. Na sede havia luz elétrica e um grande rádio, para todos ouvirem.

Um as 30 famílias exclusivamente “brasileiras” moravam na *Encruzilhada* (ou *Divisa*). Construíram capela em honra de Nossa Senhora da Luz, benta a 8 de setembro de 1939. Perto desta capela havia outra, dedicada a “São João Maria” (uma das lendárias figuras da Guerra do Contestado), onde muitos devotos se reuniam às sextas-feiras para a oração. De tanto o padre falar que Deus está na igreja de Nossa Senhora, a de “São João Maria”, o “*Santo barbudo*” da ironia do Frade, se esvaziou e foi transformada em residência.

Cascavel de São Sebastião era ótima comunidade de mais de 50 famílias “brasileiras”. Uma fé “primitiva”, meio misturada com crendices e superstições, mas respeitosa. Ali também apareceu um pregador protestante. As principais lideranças lhe fizeram uma exigência: que ele fosse junto com um morador até Chapecó, discutir com o Frade. Quem ganhasse a “aposta” teria todo o povo a seu lado. O pregador deu um jeito e, sentindo o clima ameaçador, fugiu e nunca mais apareceu. A região era promissora: muitos pinheirais, e terras planas e férteis. Os moradores ganhavam dinheiro, mas não gostavam de investir, preferindo guardá-lo em baús: parte do dinheiro perdeu o valor e, de dois moradores, os ratos literalmente o roeram...

A *Colônia Cella* foi fundada por Giacomo Cella que aí chegou com os filhos, todos já casados. Outras famílias gaúchas juntaram-se a eles. Construíram capela em honra de São Paulo, e eram assíduos à Missa, confissão e comunhão. Não conheciam blasfêmia e cada colono fabricava anualmente uns 6 mil litros de vinho, tomado com fartura, mas sem excesso. No café da manhã até crianças tomavam uns dois copos e levavam um litro do “*sangue de Cristo*” para a roça, sempre trazendo-o de volta vazio...

O cisma foi lançado, e não se chegava a acordo algum

Perto, na *Colônia Fernando Machado*, inicialmente as Missas eram em casas particulares, mas logo edificou-se a capela em honra de Sant’Ana. A escolha da padroeira foi sem problemas, o que na maioria das vezes não ocorria. Os colonos gaúchos, assim que chegavam em terras catarinenses, ao formarem a comunidade, preocupavam-se com capela e padroeiro. E vinha o raciocínio: “*No Rio Grande do Sul, São N.N. era nosso padroeiro. Queremos continuar com ele, pois é poderoso e milagroso!*”

Então surgiam dificuldades, pois haveria repetição de Santos e o padre não poderia atender a mais festas num mesmo dia. As comunidades procuravam então chegar a um acordo, nem sempre pacífico, necessitando-se da mediação do Frade.

Na *Linha Bento Gonçalves*, padroeiro São Valentim, no início com 6 famílias, logo marcou-se o lugar para capela e escola. Chega o Prof. Erasmo Mantelli e por conta própria realiza as construções em outro lugar. O cisma foi lançado, e não se chegava a acordo algum, até o dia em que o Bispo aprovou a obra do professor. Mas a confusão estava formada, e não voltou mais a união anteriormente existente.

Coronel Freitas, antigo *Quadro Santo Antônio*, era mistura de raças e gênios. Teria umas 60-70 famílias em 1938. A segunda capela foi benta por Frei Liberato em 1941. Originalmente, as moradias foram construídas sem ordem alguma e a capela de Santo Antônio, edificada no meio das casas. Como, em qualquer reunião ou festa, havia bebedeira e briga, Frei Evaldo decidiu trocar o padroeiro para São José. E na primeira festa, não houve briga...

Bem no interior, a localidade de *Simões Lopes*, visitada pela primeira vez pelos Frades em 1938, com Missa na residência de Antônio Maso. Muitas frutas, caça e pesca. Lugar escolhido pelos Frades como ponto de lazer.

Chapecó – Em 1942 havia em Chapecó umas 126 casas, todas bentas pelos Frades. Apostolado da Oração dinâmico, famílias de muito boa formação moral e religiosa. Ali morava o todopoderoso, e historicamente famoso, Ernesto Bertaso, dono de firma de Colonização. Dele Frei Evaldo comenta a ganância e a desonestidade. Levas de colonos chegavam mensalmente em Chapecó, para adquirir terrenos. Na propaganda o preço era um; quando chegavam, era bem mais caro. O Prefeito pouco podia fazer em favor do município, pois tinha sempre a oposição de Bertaso.

Chapecó tinha mais de 14.900 km² e abrangia os distritos de Dionísio Cerqueira, Itapiranga, Mondai, Palmitos, São Carlos, Xaxim, Caxambu, Xanxerê, Fachinal dos Guedes e Abelardo Luz. Espalhados pelos seus sertões, índios e caboclos, mas também bandoleiros de toda parte e espécie, fugidos da polícia, assaltando e amedrontando. A lei pouco podia fazer para coibir os abusos e ataques.

Até a Segunda Guerra mundial (1939-1945) havia um clima amigável entre as populações alemãs, italianas e “brasileiras”.

Foram, porém, nomeadas autoridades com diretrizes pré-estabelecidas contra os costumes locais. Começaram as desconfianças de parte a parte, pressões, proibições, perseguições. Muitos imigrantes cederam por medo e se retiraram, esperando momentos melhores.

Humildes e pacíficos colonos foram remetidos como criminosos a Curitibanos

Muito sofreram os colonos alemães e italianos durante e após a Guerra. Sob a desculpa de patriotismo, prenderam-se, torturaram-se alemães e italianos, e deles se roubou à vontade. Em toda parte se suspeitava de "quintas-colunas"; não havendo estas, tinha-se que inventá-las, encontrando motivos para fazer o imigrante sofrer. Humildes e pacíficos colonos foram remetidos como criminosos a Curitibanos, e condenados a trabalhos forçados nas estradas. O Juiz Antônio Salistre Campos procurou serenar os ânimos e fazer a justiça dar a última palavra.

Havia um ditado entre os colonos: "*Se já estive na cadeia, gente boa é; se nunca estive na cadeia, gente boa não é*"... As línguas alemã e italiana foram proibidas nas casas, cultos religiosos e cantos. Criou-se um ambiente geral de constrangimento e medo.

Após a Guerra, na Visita Pastoral do Bispo de Palmas, Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello OFM, a quem estava sujeito o território, houve um momento de liberdade. Dom Carlos mandou que se cantasse em alemão e italiano, e os Frades pregaram nos mesmos idiomas. O povo exultou: usar a língua materna não era mais crime para quem estava fazendo o progresso da região, fazendo crescer as terras brasileiras!

A Paróquia de Chapecó, mesmo sem sacerdote residente, apresentava progressos contínuos

Na mesma época, Frei Niceto Werner OFM pregou Missões por Chapecó, Xaxim e Caxambu. Bons frutos, mas não os desejados. Frei Niceto costumava cantar uns versos que machucavam muito o povo:

*"A Nonoai, Deus não vai! Do Chapecó, Deus tenha dó!
Em Caxambu, grande angu! No Xaxim, já vai assim! Em Cle-
velândia, Deus não anda! Em Palmas, Deus não encontra almas!"*

Frei Niceto esperava converter os corações com estes carinhos germânicos...

A Paróquia de Chapecó, mesmo sem sacerdote residente, apresentava progressos contínuos. O Apostolado da Oração se constituía na grande força pastoral: seus membros acompanhavam o sacerdote nas visitas aos doentes, cuidavam da catequese,

encarregavam-se dos cantos e orações durante a Missa, Bênçãos do Santíssimo e Novenas. Nos domingos sem padre, realizavam sempre as Novenas. Solenes eram as festas do padroeiro Santo Antônio e da Imaculada Conceição. Natal, Quaresma e Páscoa contavam com a assistência do padre que, às vezes, permanecia uma semana na sede. Fazia-se necessária a residência permanente de um Pároco. Os Carlistas se prontificaram para a obra. Mas decidiu-se, enfim, pela Ordem Franciscana, com presença missionária histórica em toda a região, partindo da distante Palmas.

No primeiro domingo da Quaresma de 1940 chegam os Freis Evaldo Bamberg, Corbiniano Koessler e Liberato Klockenkaemper. Finalmente, no dia 28 de agosto de 1940 Frei Evaldo Bamberg assume como Pároco. Pela primeira vez, Chapecó tem padre residente. Já ia longe o ano de 1884, quando fora inaugurada a capela em honra de São João Batista.

NOTAS

(1) LAGO, Lourdes Stefanello, "*A influência da Igreja na ocupação e povoamento de Palmas, no século XIX*". Seminário sobre a Evangelização na América Latina. CELAM-PUC-Curitiba, 1990, texto xerocado

(2) POLI, Jaci, "*Oeste de Santa Catarina*". Seminário sobre a História de Santa Catarina. Lages, 1991, texto fotocopiado.

(3) Cf PIAZZA, W.F., "*Santa Catarina: sua História*", loc. cit., p. 380-386; CABRAL, O.R., "*História de Santa Catarina*", loc. cit., p. 334-341

(4) ROCHE, Jean, "*Colonização e Migração*", apud PIAZZA, W.F., op. cit., p. 217

(5) PIAZZA, W.F., "*A Colonização de Santa Catarina*", BRDE, 1982, p. 224-226

(6) BESEN, José Artulino, "*A Arquidiocese de Florianópolis*", Florianópolis, 1983, p. 25

(7) Carta em data de 17 de julho de 1918, no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, Florianópolis.

(8) BESEN, José Artulino, op. cit. p 23-24

(9) BAMBERG, Evaldo, OFM, "*Lembranças vagas sobre a Paróquia de Palmas em 1938 - ano base*". Texto inédito, guardado no Arquivo Diocesano de Palmas. Frei Evaldo nasceu em Fuchseck, Alemanha, em 1908, foi ordenado sacerdote em 1934 e faleceu em Agudos, SP, em 1992. Grande missionário, incorporou à sua vida os hábitos dos caboclos. Para ele, não havia refeição sem feijão e farinha. Na velhice, foi apreciador do jogo de cartas, certamente aprendido com os imigrantes do Grande Chapecó. Um pecado que muito o irritava era alguém confessar que tinha roubado no baralho... Em 1937 foi Secretário da Prelazia de Palmas; de 1940 a 1942, Pároco de Chapecó; trabalhou também em Canoinhas, Ituporanga, Pinheiro Preto, Indaial e Agudos SP.

Endereço do Autor:

*Catedral Metropolitana Casa Paroquial
rua Arcipreste Paiva, 70
88010-530 FLORIANOPOLIS, SC*